

Modos de enlouquecer, modos de amar

O signo do entusiasmo dominou os diversos encontros em torno do tema “As loucuras do amor”, com discussões acaloradas que se mostraram como uma colocação em ato de uma paixão pelo novo, uma vez que já não é possível “escudar-se atrás do pai frente à revelação permanente da experiência analítica: no *parlêtre* não existe programa para a relação sexual”¹.

Do termo “loucura” isolamos duas acepções que nos levaram a dois eixos de discussão que se separam e se encontram, nos diversos exemplos clínicos e fenômenos sociais coletados. A loucura de amor como incidência do ilimitado do gozo, principalmente na experiência da devastação e da erotomania ordinária; e a loucura como regulação do gozo por invenções singulares que não seguem normas. São soluções pragmáticas, podendo ou não serem provisórias, conhecidas por gambiarras: arranjos que surgem ali onde o que era previsto não funciona.

Importante ressaltar que ambos os eixos partem da constatação de que no contemporâneo o novo no amor tem como aspecto central a inclusão do gozo no laço social amoroso². Assim, tanto as devastações quanto as gambiarras contemporâneas têm esse laço estreito entre amor e gozo. O gozo não mais transgressivo à experiência amorosa, mas intrínseco a ela de diversas formas.

Amores Loucos: a erotomania

O tema do amor foi abordado de várias formas ao longo da teoria psicanalítica, que vai da ideia de amor narcísico freudiano até o amor como suplência proposto por Lacan.

No último capítulo do Seminário XX, Lacan indica que a “não relação sexual” encontra uma resposta na ilusão, como se a relação sexual pudesse existir com “o encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo que em cada um marca o traço de seu exílio, não como sujeito, mas como falante, do seu exílio da relação sexual”³. Este encontro produz, por um instante, o “cessa de não se escrever”.

¹ RACKI, G. “Novos poros do amor”. *X ENAPOL*, acesso: x-enapol.org/pt/argumentos/

² MANDIL R. “Novo no amor”. *Idem*.

³ LACAN, J. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. RJ: JZE, p. 198.

Mas o amor pode também ser tomado como signo, quando se espera do parceiro mais do que simples respostas às demandas amorosas. Por esta via abordaremos algumas apresentações dos amores loucos na atualidade, que tem por paradigma a erotomania.

A psicanálise lacaniana apresenta a erotomania em dois tempos que vão de Aimée até a articulação com o feminino no último ensino de Lacan. A primeira traz como ponto central o Outro. Trata-se de uma exigência pulsional derivada do conceito postulado por Clerambault de que o Outro me ama. Nela os signos de amor, supostamente vindos do Outro, se apresentam como um delírio de interpretação.

Na década de 1970, Lacan avança sua teorização em relação ao gozo, produzindo uma redução do lugar do Outro e apresentando o sintagma “Há Um”. A erotomania, neste momento, sai do limite psicopatológico e avança para o campo do feminino e da vida sexual cotidiana. Essa “erotomania ordinária”⁴ ganha um novo aliado com o avanço do discurso da ciência que produz uma adequação entre o sujeito e o objeto e uma suposta verdade sobre a diferença sexual⁵, que somada ao empuxo ao gozo produzido pelo discurso capitalista anaboliza a tentativa de fazer a relação sexual existir, põe em risco o amor e deságua numa supremacia de gozo

A qualidade erotômana do amor, anabolizada pelo discurso capitalista, se presentifica ainda mais na era digital, na qual os signos dominam em detrimento da dimensão significativa da palavra que apresenta uma cola quase instantânea entre signo de amor e objeto de gozo. Uma loucura de amor na internet pode se instalar a partir de poucos signos numa vertente claramente erotômana. Observamos vivências de devastação frente a um signo tomado como de desamor (por exemplo uma mudança de status no Facebook, curtir ou não uma foto, seguir no Instagram, etc), em relacionamentos de poucas semanas, muitas vezes sem encontro físico. “Stalkeamentos”, nos quais o sujeito fica tomado pela necessidade, absolutamente imperativa, de perseguir, vigiar, acompanhar todos os passos do outro, na busca de pequenos sinais de amor, traição, invadindo o espaço privado do outro e tendo todo o seu próprio espaço subjetivo tomado.

Na erotomania, o amor adquire uma condição de vida ou morte, onde qualquer resposta negativa precipita o sujeito ao nada, já que é do Outro que ele espera a garantia do seu ser. Fazer do não-todo, todo, infinitiza a demanda onde o real do gozo atrapalha o amor, uma vez que o estatuto da certeza aproxima o amor da pulsão. Por isso, a loucura do

⁴ FAJNWAKS, F. “Erotomania”. Em: *Psicopatologia Lacaniana, v.2: nosologia*. BH: Autêntica, 2020.

⁵ LACAN, J. *Ibid*, p.198-199.

amor no contemporâneo vai na direção do amor como obturação do Real e não com o estatuto de suplência à relação sexual que não existe.

Amores loucos: a devastação

A devastação é composta por restos da relação mãe-filha, pré-edípica, primitiva, relacionada com o real sexual, algo que resiste e não passa pelo simbólico, mas deixa marcas na vida da filha. “Trata-se de uma falha e uma falha de onde parte uma demanda”⁶.

Lacan avança com o conceito de devastação, podendo ser escandido ao menos três momentos: Seminário 17, onde a devastação apresenta-se como o efeito do obscuro desejo da mãe sobre os filhos⁷. O *Aturdido*, no qual a devastação recai prioritariamente sobre a parceria mãe e filha⁸. Seminário 23, onde a devastação está intimamente relacionada a sexualidade feminina⁹. Se, por um lado, podemos ler essas escanções como momentos de uma metonímia que vai da relação da mulher com o obscuro do desejo de sua mãe até sua escolha de parceria amorosa futura, por outro podemos verificar uma transformação da referência edípica para pensar a devastação. Será a lógica não-toda da sexualidade feminina do Seminário 20 que abrirá o entendimento da devastação como possível experiência própria ao não-todo.

A devastação busca nos signos do amor uma certeza, cuja falta retorna sobre o sujeito levando a uma infinitização da demanda. Segundo Casula, o “caráter erotomaníaco surge quando o amor, pela vertente do gozo feminino, não-todo, se coloca numa relação direta com o S(A). O sujeito exige que o Outro o ame e lhe diga o significante que nomeie seu ser”¹⁰. O próprio ao caráter erotomano do amor será essa dependência incondicional do Outro.

⁶ DRUMMOND, C. Devastação. *Opção Lacaniana Online*, n.6. Acesso: encurtador.com.br/crTU3

⁷ LACAN, J. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. RJ: JZE, p. 118.

⁸ LACAN, J. “O aturdido”. Em: *Outros escritos*. RJ: JZE, 2003, p. 465.

⁹ LACAN, J. *O seminário, livro 23: o sintoma*. RJ: JZE, p.118.

¹⁰ CASULA, F. “Amores Loucos: a erotomania em dois tempos”. Em: *Mutações do laço social: O novo nas parcerias*. EBP-MG, 2021.

O encontro com o impossível de receber do parceiro um significante que nomeie o seu ser, assim como o encontro com o ilimitado do gozo do parceiro, somado ao seu próprio ilimitado levará o sujeito das cócegas às labaredas¹¹.

Perguntamos: num momento em que o nome do pai não define papéis e funções na sexualidade, em que o imperativo de gozo comanda, esse encontro devastador apresenta algo de novo em sua qualidade, em sua força ou em sua frequência?

Em nossas discussões verificamos que não podemos dizer de algo estruturalmente novo na devastação, mas sim que ela apresenta novas roupagens. A mesma estrutura: um gozo invasivo e sem bordas, sustentado por uma crença no Ideal da relação sexual, marcado pela infinitização da demanda de amor. Novas roupagens se colocam, como as novas formas de fazer casal: os trisais e as relações abertas, cujas tentativas de incluir e normatizar o gozo visam domesticá-lo. Mas o gozo é indócil e o não-todo tende a se apresentar pela via do não contabilizável e exigir sua cota de estrago daquele que insistiu no ideal de fazer a relação sexual existir.

Loucuras de amor: as gambiarras

Na psicanálise da vida cotidiana, uma gambiarra é algo de que se dispõe, como invenção própria, para fazer frente ao excesso de gozo. Ela se constitui em função de um certo pragmatismo do uso e vem como uma saída possível, como um arranjo *sinthomático* que, ao conter gozo, também é capaz de dosá-lo¹². Uma gambiarra permite modular um pouco os momentos nos quais o mal-estar invade o laço amoroso.

Uma gambiarra não se confunde com aquilo que, no fim de análise, se localiza como *sinthoma*. Enquanto arranjo *sinthomático*, ela atua de acordo com a singularidade do modo de gozo de cada um. Uma gambiarra implica algum saber-fazer com aquilo que remete ao furo. Ela não se pauta pelos universais nem pelos ideais; em vez disso, apresenta uma reciclagem dos restos simbólicos, um novo uso dos dejetos que se acumulam no “espaço aberto pela falta de inscrição da relação sexual”¹³. É assim que ela possibilita ao sujeito não se perder de todo no turbilhão do amor louco.

¹¹ LACAN, J. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. RJ: JZE, p. 68.

¹² BELAGA, G. “O que as psicoses ensinam sobre a lógica do tratamento”. Em: *Arteira*, n.10, EBP-SC. Acesso: encurtador.com.br/nKPZ3.

¹³ MILLER, J.-A. “Problemas de pareja, cinco modelos”. Em: *La pareja y el amor*. Buenos Aires: Paidós, 2003, p. 20.

Uma gambiarra pode surgir ora como um achado do processo analítico, ora como um achado da vida do próprio sujeito. Às vezes, ela já existe, mesmo que seu valor não seja perceptível. Uma análise pode destacar esse arranjo enquanto saber-fazer, pode também ser usado na manutenção (menos iludida) de um laço amoroso ou como modo de não sofrer demais diante da solidão.

As gambiarras que recolhemos estão ligadas em sua maioria ao meio virtual. O *Diccionamorario 2.0* do X ENAPOL, bem como casos clínicos nos serviram de apoio para repertoriarmos arranjos ou gambiarras que possibilitam o laço amoroso ou tratam a solidão no contemporâneo.

Parceiro objeto gadget: encontros amorosos/sexuais que são mediados por objetos eletrônicos, os “aparatos telefônicos”, como nos diz Antelo¹⁴, o celular como aparelho erótico, íntimo, que registra diversas experiências de mais-de-gozar. Um novo órgão, como nos coloca Laurent¹⁵, a sexualidade 2.0, que dá ao sujeito a ilusão de acesso imediato ao mercado globalizado, ao Real feito de objetos.

Dar match: diz-se do encontro entre dois “corpos” de forma virtual, por aplicativos de relacionamentos. Quando duas pessoas coincidentemente se dão um *like*, deu *match*! A expressão passou a ser usada também para encontros de modo geral, denotando a expectativa de fazer existir a relação sexual. Ela se desdobra em uma espécie de tratamento para a solidão quando esses *matches* são apenas colecionados, não havendo intenção de nenhum encontro, servindo como satisfação narcísica que a entrada de outra pessoa estragaria.

Paquera virtual: no Instagram existe uma maneira codificada de paquerar. Responder a *stories*, enviar *emoji* de coração, foguinho e outros, adicionar à lista de melhores amigos, curtir muitas *selfies* antigas, ganham o lugar de signos tecnológicos do amor e servem para destacar o paquerador dos demais seguidores. A evolução pode vir através de palavras trocadas por conversas diretas.

Ghosting: uma forma de sair de um relacionamento sem precisar se justificar. A pessoa simplesmente some e se faz incomunicável: bloqueia a vítima nas redes sociais,

¹⁴ ANTELO, M. “El Apéndice Telefónico”. Em: *Colofón*, n. 28, FIBOL, 2008.

¹⁵ LAURENT, É. “Gozar de internet”. Em: *Derivas Analíticas*, n.15, 2021, EBP-MG.

aplicativos de conversas e celular. Evitar o confronto, a conversa, ter que lidar com a reação da outra pessoa, precipita o sujeito ao ato para lidar com a angústia que o inevitável mal-entendido das palavras promove.

Contatinhos: “*Oi, te liguei Deve 'tá ocupadinha, tudo bem... 'Tá com outro contatinho*”. Como o trecho da música de Anitta e Léo Santana mostra, contatinho é aquela pessoa da lista de contatos que se busca quando se quer um encontro sexual. Em geral o contatinho se sabe contatinho e consente com isso. Não há promessa de exclusividade, é uma forma de encontrar parcerias livres de compromisso. O sujeito se pensa desresponsabilizado de qualquer fantasia romântica, garantindo que não haja nenhuma demanda com a qual precisará lidar.

Stalkear: vigiar, perseguir, espionar uma pessoa pelas redes sociais. Busca obter informações ou descobrir atividades às quais a pessoa dedica seu tempo. Na clínica temos escutado cada vez mais indivíduos para os quais o próprio processo de stalkear já cumpre algo do circuito pulsional que gera uma satisfação que basta por si mesma. Assim, essa inflação do imaginário pode ser fruto de uma erotomania, como já falado, ou proteger do encontro de corpos quando isto é insuportável.

Biscoitar: é o ato de postar visando angariar *likes*, comentários elogiosos ou mensagens privadas. Novamente o recurso narcísico para dar conta do que não cessa de não se escrever. Podemos identificar aí também um escoar pulsional que por si só já satisfaz, prescindindo do encontro de corpos.

A gambiarra é atemporal:

No livro “*A vida como ela é...*”,¹⁶ que reúne contos de Nelson Rodrigues escritos entre 1951 e 1960, encontramos o texto “Casal de três”. Filadelfo queixa-se com o sogro do gênio pouco amável da esposa Jupira. O sogro expõe sua teoria que as mulheres honestas são assim e que ele deveria desconfiar se a esposa fosse amável. Após três anos, ocorre uma grande mudança e Jupira passa a ser amável com o marido. Filadelfo em outra conversa com o sogro, revela a feliz mudança, dizendo que chegava a desconfiar de Jupira. O sogro lhe dá outro conselho: “*Não desconfia de nada, rapaz. Te*

¹⁶ RODRIGUES, N. *A vida como ela é...* RJ: Cia das Letras, 1992, p. 26-30.

custa ser cego?” Filadelfo segue o conselho do sogro e seu casamento continua em ritmo de lua de mel. Tempos depois, recebe uma carta anônima falando que Cunha, seu melhor amigo, estava tendo um caso com Jupira. Filadelfo rasga a carta e mantém o ótimo relacionamento com o amigo e com a esposa. Passa-se o tempo e Filadelfo recebe a notícia de que Cunha ficara noivo. Ao chegar em casa se depara com a tristeza de Jupira. Filadelfo decide pegar um revólver e ir ao encontro de Cunha: “*Ou você desmancha esse noivado ou dou-lhe um tiro na boca, seu cachorro!*”. No dia seguinte, Cunha desmancha o noivado e Filadelfo decide que Cunha virá jantar com eles todos os dias. Jupira atira-se nos braços do marido e diz apaixonada: “*Você é um amor*”.

Nesse conto pode-se localizar uma loucura de amor enquanto gambiarra, uma saída que não aniquila o mal-estar amoroso, contudo cria uma via que busca um laço a partir do próprio mal-estar. A gambiarra dosa o gozo numa tentativa de sustentar um laço fora do ideal e da devastação. Ventura mostra que o amor invenção é disjunto do ideal pois só assim é possível destacar “esse pequeno detalhe de cada um que possa oferecer-nos a possibilidade de algo novo”¹⁷.

EBP

Coord: Ondina Machado e Fernando Prota

Participantes: Alice Munguba, Ana Paula Rezende, Camilla Costa, Diego Cervelin, Felipe Ortolani, Gabriela Malvezzi, Glaucia Barbosa, Juliana Radaelli, Marcia Frassão, Lídia Pessoa, Paula Nocquet e Vanda Almeida.

¹⁷ VENTURA, O. “O amor, sempre Outro”. Em: *Mutações do laço social: o novo nas parcerias*. EBP-MG, 2019, p. 54-55.